

A integração entre Música e Teatro: uma experiência interdisciplinar a partir do expressionismo em Sala de Aula

Murilo Alves Ferraz

Recebido em 23/08/2018

Aprovado em 17/10/2018

O presente artigo apresenta algumas reflexões sobre a interdisciplinaridade nas Artes, tratando do tema a partir de uma proposta de trabalho integrado envolvendo as áreas de música e teatro, realizada com estudantes de uma escola de educação básica, junto à aula de Artes. Considerando a proposta desde o processo de planejamento até a condução das práticas em sala de aula, são apresentados alguns dos conceitos que foram chave para as discussões realizadas. A interdisciplinaridade, bem como o levantamento de fatores que dificultam a prática interdisciplinar em ações educativas são trazidas como eixo central. Como resultados das reflexões foi possível identificar que o planejamento conjunto entre os profissionais, desde a etapa de elaboração do projeto até sua execução na escola, contribui para a efetivação de uma prática interdisciplinar na qual as distintas áreas envolvidas foram contempladas de forma a respeitar os conhecimentos que são específicos de cada campo, ao mesmo tempo possibilitando aos alunos uma compreensão de Arte mais ampla e integral.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Música; Teatro.

INTRODUÇÃO

Desenvolvido entre os anos de 2014 e 2017, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) aconteceu em duas escolas da rede Pública Estadual de Ensino de Maringá/PR. A discussão aqui apresentada aborda uma experiência desenvolvida no último ano de atuação do projeto. EM 2017, o PIBID contou com a participação de 21 acadêmicos: 11 de Licenciatura em Artes Cênicas e 10 de Licenciatura em Música atuando em duas escolas de educação básica da cidade de Maringá, tendo em cada uma delas uma professora supervisora, participantes ativas nas etapas de planejamento e inserção em sala de aula dos acadêmicos em formação. Assim, o projeto contava com planejamentos colaborativos e coletivos, desenvolvidos em encontros semanais, nos quais participavam a coordenadora, as duas supervisoras e todos os acadêmicos.

As frentes de ação do projeto foram: inserções em sala de aula, oficinas extracurriculares, cursos de formação em Arte, apresentações didáticas e produção científica das experiências desenvolvidas. Todas pensadas a partir das possibilidades de integração entre as áreas de Artes de modo a pensar o lugar da Arte na escola. De acordo com a coordenadora do projeto:

O PIBID Interdisciplinar Artes Cênicas e Música UEM¹ foi concebido com o objetivo de discutir e repensar o lugar da Arte na escola por meio de ações integradas entre as áreas de Música e Artes Cênicas, buscando contribuir com o pensar/repensar os modelos de ensino de Arte na escola (VEBER, 2014, p. 1).

A experiência discutida neste texto foi realizada pelo autor - estudante de Música - em parceria com uma colega do curso de Artes Cênicas. O diálogo estabelecido entre as duas áreas desde o processo de estudos e planejamentos, até a finalização das práticas foi essencial para que a realização de uma proposta interdisciplinar encontrasse resultados efetivos. Tais resultados impulsionaram a escritura deste artigo com o objetivo de compartilhar experiências, reflexionando sobre os caminhos e possibilidades de integração quanto se trata da interdisciplinaridade no campo da Arte, em especial nas áreas envolvidas: música e teatro.

DO PLANEJAMENTO À PRÁTICA: DIFICULDADES DO PROCESSO INTERDISCIPLINAR

A experiência prática que sustenta este escrito aconteceu em meio ao processo de planejamento e inserção em sala de aula em uma experiência vivida no projeto PIBID Interdisciplinar Artes Cênicas e Música da Universidade Estadual de Maringá. Por ser interdisciplinar, este PIBID buscava envolver pessoas dos dois cursos (Artes Cênicas e Música), a fim de desenvolver propostas integradas, por meio da interdisciplinaridade entre as áreas envolvidas.

¹ Universidade Estadual de Maringá.

Por vezes, durante a realização do projeto como um todo, em seus quatro anos de existência, verificou-se que manter a participação igualitária entre as distintas áreas de conhecimento foi um desafio, objetivo muitas vezes não alcançado².

Os motivos geradores destas dificuldades foram os mais distintos: dificuldade de diálogo e trabalho coletivo entre os participantes de cada equipe, ênfase em conteúdos específicos de uma das áreas, ou ainda, somente para Artes Visuais, dificultando a participação de todos de forma igualitária. Ou seja, algumas vezes o conteúdo do componente curricular do colégio é muito voltado a uma das linguagens e esta, então, acaba por protagonizar a inserção sem haver grandes diálogos com a outra. Outras vezes o conteúdo é flexível e então a organização propõe uma divisão que ora trabalhe uma disciplina, ora trabalhe outra. A identificação de cada disciplina não é um fator implicante na interdisciplinaridade, já que esta está diretamente relacionada ao conceito de disciplina. Como aponta Fazenda (2008), “A perspectiva interdisciplinar não é, portanto, contrária à perspectiva disciplinar; ao contrário, não pode existir sem ela e, mais ainda, alimenta-se dela.” (FAZENDA, 2008, p. 46).

Tratar do conceito de interdisciplinaridade e tentar delimitar a forma ideal de trabalhar tal metodologia é incerto. Leis (2005) aponta que “Assim como a filosofia não pode excluir a ciência, nem vice-versa, também não se pode excluir qualquer abordagem do trabalho científico interdisciplinar” (LEIS, 2005, p. 9). Partindo do pressuposto de que a disciplina é parte fundamental da interdisciplinaridade, entende-se que não há grandes problemáticas relacionadas ao protagonismo de algumas disciplinas em determinados momentos. No entanto, o que há de preocupante no projeto em relação a isso é a ausência de diálogos entre as áreas e a subdivisão de disciplinas dentro de uma oportunidade interdisciplinar, ou seja, a utilização de um espaço de atuação ofertado às duas áreas e subdividir esse

² Informação obtida em análise dos relatórios de atividade dos participantes do projeto, usado para a realização de estudo mais amplo sobre a interdisciplinaridade nas artes no projeto PIBID UEM (em andamento).

espaço em dois: uma hora aula para teatro e uma hora aula para música, de modo que a inter-relação não seja desenvolvida.

Para que o planejamento interdisciplinar ocorra, o diálogo e o levantamento de um referencial teórico de ambas as áreas (música e teatro) é primordial. Pensando de maneira equivalente à aplicação das mesmas na prática, salienta Torres Santomé:

A interdisciplinaridade é um objetivo nunca completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado. Não é apenas uma proposta teórica, mas sobretudo uma prática. Sua perfectibilidade é realizada na prática; na medida em que são feitas experiências reais de trabalho em equipe, exercitam-se suas possibilidades e limitações (TORRES SANTOMÉ, 2008, p.66).

Há, portanto, uma metodologia que possa conduzir uma atividade interdisciplinar de modo efetivo e benéfico? A resposta é não, por diversos motivos. A autora Olga Pombo (2005) afirma que não sabe efetivar a interdisciplinaridade e acrescenta: “indo um pouco mais longe, atrevo-me a pensar que ninguém sabe” (POMBO, 2005, p. 4). A interdisciplinaridade é mesmo capaz de não ser qualquer coisa que se faça

Não com intuito de banalizá-la, mas sim de ampliá-la e fundamentá-la é que Pombo (2005) refuta a possibilidade de uma metodologia padronizada. A autora entende que não é uma tarefa tão simples e que essa errônea compreensão sobre interdisciplinaridade conturba e desvia a prática do seu real objetivo. A mesma acrescenta que:

[...] em muitas Escolas Secundárias e Universidades, são feitas experiências ditas interdisciplinares. Ora, o que acontece é que a palavra está lá, mas percebemos que a experiência em causa é insuficiente, que, muitas vezes, se resume a um acto legítimo, por certo, mas de pura “animação cultural”. Não de interdisciplinaridade. Quero eu dizer com isto que a palavra é pois ampla demais, que está a ser banalizada, aplicada a um conjunto muito heterogêneo de situações e experiências. E esta utilização excessiva gasta a palavra, esvazia-a, tira-lhe o sentido. (POMBO, 2005, p. 5).

Visto tal possibilidade apresentada pela autora e entendendo que o objetivo aqui não é se fixar sobre o conceito da palavra, buscamos trabalhar e repensar diariamente as práticas interdisciplinares e os seus objetivos no espaço escolar. Foi por meio de estudos e tentativas que em determinado momento encontramos um vasto campo de possibilidades que comportava os conteúdos que o componente curricular Arte exigia, bem como a relação concreta entre a música e o teatro. Após todas as dificuldades encontradas no processo de planejamento interdisciplinar, almejamos criar um planejamento que não fosse polivalente, de acordo com a realidade que encontramos na sala de aula, apresentaremos como ocorreu nossa proposta.

ETAPAS DE PLANEJAMENTO: EXPRESSIONISMO

O PIBID realizava reuniões semanais de planejamento para as inserções em sala de aula, juntamente com a coordenadora e com as professoras supervisoras, que acompanhavam os alunos em sala de aula. O plano de trabalho elaborado para esta ação buscou contemplar as áreas de teatro e música de forma equilibrada e interdisciplinar, fazendo com que cada área tenha seus objetos de estudo contemplados e ambos tenham importância e sejam valorizados de igual maneira dentro da proposta. Essas trocas de experiências teóricas e práticas durante o planejamento são de extrema importância, pois o professor de música consegue trocar conhecimentos com o teatro e vice versa, assim nenhum dos dois professores se encontraria deslocado na proposição em sala de aula.

A turma³ em que realizamos as inserções tinha como objeto de estudo semestral o “Expressionismo”, entretanto com o viés das artes visuais, visto que a professora da turma que realizaríamos as inserções (que é umas das professoras supervisoras do PIBID) tem formação em Artes Visuais. Buscando

³ Era o Sétimo ano do ensino Fundamental II, com faixa etária por volta de treze anos, com em média 30 alunos.

aproveitar o que já havia sido realizado, nos apropriamos dos quadros expressionistas que a professora estava apresentando aos alunos para realizar nossas atividades teatro-musicais em sala, nos embasando em autores das duas áreas como Viola Spolin, Franz Kafka, Jhon Paynter e Raymond Murray Schafer, para a realização de fotogramas, exploração de sons e timbres, jogos teatrais e sonoplastia.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES

Todas as atividades foram estruturadas pensando na possível exploração das duas linguagens de modo que uma se confundisse com a outra. Ainda que haja a presença do conteúdo teatral e do conteúdo musical, o modo como à condução se deu, fez com que ambas fossem diluídas, sem que houvesse a identificação de uma e outra.

Uma das atividades se deu com o intuito de continuar o que a turma já havia trabalhado, valorizando o conhecimento prévio da mesma. Como dito anteriormente, o conteúdo “Expressionismo” havia sido abordado sob o viés das artes visuais, sendo assim, partimos da mesma como estímulo. Daí se deu a atividade a seguir:

Fotogramas a partir de quadros expressionistas:
Inicialmente apresentamos e relembramos os quadros expressionistas estudados pela turma, para que estes servissem de estímulo à construção de fotogramas.

A proposta inicial foi de que a turma se dividisse em grupos e esses escolhessem um dos quadros estudados. A partir dele foram instruídos a montar um fotograma (montagens de fotos representadas com o corpo) que seria, posteriormente, compartilhado com os demais da classe.

Após todos os grupos compartilharem seus fotogramas, propomos que partindo do fotograma representado cada grupo deverá realizar um movimento e um som repetitivo, como um

“gif”, explorando sons, timbres, intensidades e alturas com a voz. Desse modo a proposição contemplava ambas as áreas da arte dentro do tema que está sendo abordado. É válido citar que ao final da atividade se realize uma discussão com a turma levando em consideração aspectos históricos e sociológicos da época como também a proposta interdisciplinar que está sendo realizada.

As atividades com fotogramas são uma boa ferramenta de vivência teatral, visto que trabalham o coletivo, a criatividade e a expressividade. Autores como Viola Spolin (1906-1994) e Augusto Boal (1931-2009) utilizam dos fotogramas como ferramentas nos seus jogos para atores e não atores. Muitas das estruturas de jogos são inspiradas neles, sobretudo na Viola Spolin e no seu livro “Improvisação para o teatro” (1963) e “Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin” (1975).

O jogo “Fotogramas a partir de quadros expressionistas” foi desenvolvido pelo grupo partindo das referências apresentadas acima. A possibilidade de desdobramentos que exploram sonoridades iniciadas no movimento se deu como uma ampliação da prática, de modo que os alunos pudessem trabalhar com os sons corporais e/ou sons de objetos, como ocorreu em uma continuidade deste exercício, havendo a presença de bexigas que poderiam ser utilizadas como ferramentas sonoras. Para adentrar esta atividade realizamos alguns jogos preparatórios que envolviam o objeto, a fim de familiarizar a turma e deixá-la confortável com o mesmo.

A resposta do grupo foi muito positiva. A turma era muito agitada e apresentava grande dificuldade de prestar atenção nas propostas. No entanto, quando identificamos esta característica passamos a trabalhar com a organização de subgrupos para poder dialogar de forma mais próxima e focada. O que mais nos surpreendeu foi o modo como os grupos exploraram as formações imagéticas. Nenhum grupo se manteve em soluções fáceis e estereotipadas, todos, apesar da desatenção, eram

⁴ Graphics Interchange Format ou Formato de Intercâmbio de Gráficos

muito disponíveis e dispostos corporalmente. As imagens e os movimentos com sons foram bem elaborados e comunicavam a interpretação do grupo em relação ao quadro utilizado como estímulo inicial.

O próximo exemplo ocorreu logo no início das inserções. Para esta, utilizamos como estímulo um texto do expressionista tcheco Franz Kafka (1886-1924).

Excursão às montanhas: *No início da aula, realizamos um rápido debate sobre o expressionismo logo após a apresentação de um material teórico, visto que o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo do aluno é de grande importância no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, propusemos que apresentassem o texto “Excursão às Montanhas” do Kafka, mas não na íntegra, ainda.*

Com o intuito de explorar o texto, o dividimos em trechos com pequenas frases, que foram entregues à turma (cada aluno/aluna escolheu um pequeno trecho). Posteriormente, guiamos os mesmos a caminharem pela sala lendo os seus trechos em voz alta e explorando a variação sonora deles: lendo sussurrando, gritando, cantarolando, com voz nasalada (que o aluno se sinta bem à vontade para explorar o som que quiser). Após algum tempo de exploração sonora, também os estimulamos a ler com diversas emoções e estados: tristes, muito alegres, raivosos, com medo, dentre outras.

Por fim, dividimos a turma em dois grupos, um grupo deveria se dispor pela sala e utilizar as vendas que distribuimos para cobrir os olhos. Enquanto isso, o outro grupo deveria caminhar por entre os colegas explorando as sonoridades e provocando reações nos colegas vendados. Ambos os grupos realizaram a atividade nas duas posições.

Ao final da atividade realizamos um grande círculo e lemos, de forma conjunta, o texto na íntegra. Realizamos um rápido debate questionando-os sobre qual sensação tiveram ao ouvir diferentes tipos de entonações, volumes e timbres ao estarem vendados e qual foi a experiência de conhecer o texto após trabalhar com ele de modo fragmentado.

Esse exercício provocou uma experiência muito interessante ao grupo. Notamos, na primeira etapa do trabalho, que eles apresentavam certa dificuldade em se distanciar dos amigos e se concentrar no objetivo, então exploraram os sons segundo os comandos, mas sem concentração. Isso não nos pareceu um problema, na verdade, visto que a diversão pode fazer parte do trabalho sem enfraquecê-lo. No entanto, o que nos foi perceptível é que ao manter proximidade com os amigos e realizar tudo como brincadeira, alguns se aproveitavam para se ocultar na atividade. A resistência e a timidez são muito comuns em aulas que fogem das estruturas às quais os alunos já estão acostumados.

Na segunda etapa da atividade obtivemos uma resposta muito positiva. O grupo que deveria explorar as sonoridades foi motivado pela oportunidade de provocar os amigos que estavam vendados. Estes, muitas vezes se assustavam ou reagiam de forma engraçada aos estímulos sonoros, de modo que o grupo se motivava ainda mais a realizar as provocações. Ainda que o objetivo central da atividade fosse explorar a desconstrução textual e as possibilidades sonoras do indivíduo e, por outro lado, explorar a experiência de apreciação audível e corporal no processo de recepção dos sons, o foco do grupo se manteve em provocar uns aos outros. Spolin (1963) discorre sobre a estratégia de manter a atenção no que é atrativo ao jogador para que ele realize o que se pretende como proposta didática.

Os alunos e as alunas ficaram surpresos quando lemos o texto na íntegra ao fim da aula. Disseram que, durante os exercícios, imaginavam diversos contextos, menos aquele. Ainda assim, se sentiram muito animados com a proposta e disseram que o fato de não conhecer o texto ampliou as possibilidades de brincar com ele.

Essas e outras atividades realizadas com a turma provocaram respostas mais interessantes do que imaginávamos. O que nos surpreendeu foram as vastas possibilidades encontradas para trabalhar a música e o teatro. Notamos que há mais proximidade entre as duas áreas no espaço educacional do que conhecíamos e isso pode ser confirmado pelo processo que realizamos com o projeto PIBID em parceria com a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência permitiu observar que o planejamento conjunto entre os profissionais, bem como a participação das supervisoras desde o planejamento até a atuação em sala contribui para a efetivação interdisciplinar na qual as áreas sejam contempladas de forma a respeitar os conhecimentos que são específicos de cada campo, ao mesmo tempo possibilitando aos alunos uma compreensão de Arte mais ampla e integral. Como também existia uma boa relação com os professores que estavam realizando as atividades em sala de aula, o apoio mútuo entre os mesmos, colaborando com a construção de propostas coletivas que respeitavam as áreas e os limites do outro.

Também é importante que antes de levar uma proposta interdisciplinar para a sala de aula, que os professores busquem referências sobre interdisciplinaridade, conheçam propostas já realizadas, e estudem distintas possibilidades de inserção de propostas interdisciplinares em seu contexto. Em especial no campo da Arte, no qual a linha entre polivalência e interdisciplinaridade é tênue (Veber, 2014) e corre-se o risco de fazer com que uma prática inicialmente pensada para ser interdisciplinar passe a ser polivalente, em nosso olhar, contribuindo para com a desvalorização da formação nos distintos campos artísticos.

Considero importante que o profissional tenha conhecimento dos distintos campos envolvidos em uma proposta interdisciplinar, para bem de entender a globalidade da proposta a ser desenvolvida. Mas, cabe a cada profissional decidir sobre os conhecimentos específicos que será necessário acessar para que a proposta seja construída de forma global e, ao mesmo tempo, interdisciplinar.

E que a essência do trabalho interdisciplinar está, portanto, no modo como é organizado o planejamento, na maneira como os conhecimentos específicos e os modos de ação das distintas áreas são integrados ao processo global de aprendizagem. Além disso, a relação de parceria e cumplicidade dos envolvidos em todas as etapas do trabalho foi essencial, tanto para o processo

de formação dos discentes envolvidos, como para a qualidade da experiência vivida pelos participantes.

Em consonância a isso, posso afirmar que a estrutura didática de trabalho desenvolvida junto ao projeto PIBID Interdisciplinar UEM foi uma das grandes responsáveis para que os resultados desta prática fossem positivos. Acredito que tal resultado tenha relação como o modo de organização dos planejamentos e acompanhamento das práticas, desde a essência do projeto até a finalização das ações, por meio de processos reflexivos sobre as práticas. O incentivo ao diálogo entre as linguagens amplia a possibilidade de práticas pedagógicas integradas, contribuindo diretamente com a nossa formação docente, visto que a compreensão teórica e a realização prática de interdisciplinaridade em sala de aula superam a polivalência e, no caso desta ação, enriqueceram as experiências com a Arte, com as duas linguagens artísticas envolvidas.

REFERÊNCIAS

FAZENDA, Ivani C. A. *Didática e Interdisciplinaridade*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*- UFSC, 2005.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Liinc em Revista, 2005.

SANTOMÉ, J. T.; SCHILLING, C. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: ARTMED, 1998. 278 p.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Ed. Perspectiva, 1963.

VEBER, Andréia. Música e Artes Cênicas: discutindo o espaço das Artes na Escola no contexto do projeto Interdisciplinar PIBID UEM 2014. In: I encontro Nacional do PIBID Música. (*anais*) Londrina: 2014.